

A linguagem do futebol na vida cotidiana: presença, transparência e limites – Relato de pesquisa

Carlos Eduardo Matias Araujo/ Dimas Sousa Cordeiro/
Isaque Samuel Gongora Calle^{1/}
(Orientador: Prof. Dr. Roberto C. G. Castro²⁾)

Resumo: O artigo examina a importância do futebol na linguagem comum dos brasileiros: muitas de suas expressões são tomadas do futebol. Entre as razões para esse fato, destaca a lei da interação dialética entre linguagem viva e interesse de uma sociedade (Josef Pieper). Ao final, propõe uma conjectura sobre o uso de locuções provenientes de outros esportes e jogos em detrimento de expressões futebolísticas.

Palavras Chave: Fraseologia. Expressões do futebol. Linguagem e sociedade. Linguagem brasileira.

Abstract: This article is on the main importance of soccer in Brazilian common language. Many of its idioms are related to soccer metaphors. The article examines too the dialectic interaction between language and society and the main role of soccer in Brazil. It discusses as well the importance of the vocabularies of other sports and games.

Keywords: Soccer language. Brazilian language. Language and society. Phraseology.

1. Os fundamentos deste estudo e seus objetivos³

O trabalho parte da constatação evidente de que o futebol, no Brasil, desenvolveu uma riquíssima linguagem, de muito alta “resolução”, que permite descrever em detalhes (e, como veremos, até visualizar) muito do que acontece dentro (e fora) de campo. Não é nenhum exagero dizer que são as metáforas e a linguagem do futebol o principal referencial comum dos brasileiros para falar das diversas dimensões de sua vida: familiar, profissional, financeira etc.

Nesse sentido, imaginamos um exemplo caricato, mas que permite visualizar a afirmação acima. O diretor da firma falando a seus subordinados:

Senhores, a situação da firma não está boa. Jogo é jogo e treino é treino! Nestas alturas do campeonato, é necessário vestir a camisa da firma e suar a camisa, porque senão teremos que tirar o time de campo. Quem pisar na bola toma cartão vermelho. Vamos definir bem as funções de cada um dos senhores e cada um tem que jogar para o time para não embolar o meio de campo. Alguns aqui têm muita cancha, então bola para frente que tenho certeza de que podemos virar esse jogo. Etc. Etc.

¹. Alunos do 2º. ano do Ensino Médio da EMEFM Vereador Antonio Sampaio.

². Doutor e Pós-Doutor pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

³. A pesquisa que aqui relatamos começou ainda em 2022, por proposta da Profa. Dra. Chie Hirose, então docente da escola em que estudamos. Além de sugerir o tema, a professora também nos indicou leituras iniciais, que se revelaram muito acertadas, e ainda nos encaminhou para o orientador deste trabalho.

Um referencial teórico – que vem do filósofo alemão contemporâneo Josef Pieper (1904-1997) – é assim resumido em LAUAND (2002):

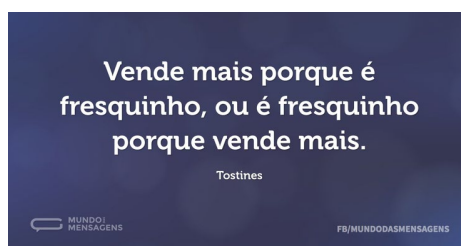
O pensamento e a vida estão mais ligados à linguagem do que à primeira vista supomos. Para além do âmbito da mera comunicação, a força viva da palavra não só transmite, mas até mesmo gera e preserva, em interação dinâmica, o que pensamos e sentimos, o que podemos pensar e sentir.

Sem a palavra, nossa percepção da realidade é confusa ou nem sequer chega a ocorrer. Quando a língua viva dispõe de uma determinada palavra (e quando dela nos apropriamos...), é possível a configuração de uma realidade que – precisamente pela palavra – emerge da massa informe de experiências confusas e desconexas que vamos acumulando. Em geral, vale a regra: nossa possibilidade de “visualização” da realidade depende do léxico vivo da língua.

E, reciprocamente, esse léxico só surge e mantém seu vigor graças ao interesse vital de uma comunidade pela realidade em questão. Para o brasileiro médio, por exemplo – com a devida licença do conselheiro Acácio –, é muito mais fácil a captação do que ocorre numa partida de futebol (de lances geniais a pressões psicológicas sutis) do que, digamos, no golfe. Pois o interesse vivo pelo futebol é tão intenso e estendido que dispomos de um léxico de “alta resolução”. [...]

Josef Pieper [...] insiste em que há mútua alimentação entre a percepção e vivenciamento da realidade moral e a existência de linguagem viva. O empobrecimento do léxico moral é, hoje, um dos mais agudos problemas da educação moral, na medida em que gera um círculo, literalmente, vicioso: a falta de linguagem viva embota a visão e o vivenciamento da realidade moral; o definhamento da realidade esvazia (ou deforma) as palavras... Faltam-nos os conceitos, faltam-nos os juízos, falta-nos acesso à realidade.

É o jogo dialético da precedência ovo x galinha: a linguagem do futebol é riquíssima porque esse esporte atrai vivo interesse dos brasileiros. E vice-versa. Como na antológica peça publicitária do biscoito Tostines:

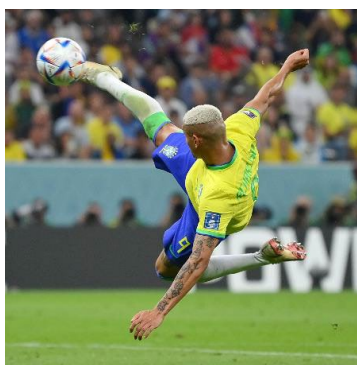


<https://www.mundodasmensagens.com/frase/Vr3qgVn7z/>

A “alta definição” da linguagem futebolística chega ao ponto de nomear distintamente variações para um mesmo tipo de jogada: bicicleta, meia-bicicleta, puxeta e voleio...!

O grande filósofo espanhol Julián MARÍAS (1999) lamenta que essa riqueza da linguagem do futebol seja infinitamente superior ao vocabulário vivo de que dispomos para, por exemplo, os sentimentos humanos:

Há uma coisa que me preocupa, e já o disse muitas vezes. Que, enquanto o vocabulário de uma área particular, de um campo profissional técnico, de um ambiente específico, na agricultura, por exemplo, ou na pecuária – enquanto esses vocabulários específicos possuem uma riqueza enorme, tudo o que um homem pode sentir por outra pessoa resume-se – em todas as línguas que conheço — a meia dúzia de palavras. Algumas positivas, como “amizade”, “amor”, “ternura”, “simpatia”, “carinho”, e outras tantas negativas. Parece-me muito restrito. Eu tenho quatro filhos, já adultos, e eu os amo de quatro maneiras diferentes. Há uma variedade imensa do amor, e a língua não reflete essa variedade. É uma limitação esquisita. Talvez devida a uma certa desatenção pelos sentimentos, pelos conteúdos anímicos, em contraste com a refinada atenção dedicada às técnicas da agricultura, da medicina [ou...] as mil maneiras de dar um chute numa bola! E isso porque há um interesse especial. Muitas pessoas gostam de futebol e precisam distinguir os diferentes matizes dessa atividade. E, em contraste, o que uma pessoa sente por outra – e é algo mais difícil, sem dúvida – não desperta tanto interesse. Eu fico muito perplexo com esse fato.



Voleio de Richarlison, eleito o gol mais bonito da Copa do Qatar. www.uol.com.br/esporte/futebol/copa-do-mundo/2022/11/24/richarlison-gol-voleio-servia-treino.htm

Para a quase totalidade dos brasileiros o futebol é uma paixão, independentemente de praticarmos esse esporte ou não (dois dos autores deste artigo são só torcedores; o outro é inveterado futebolista, mas o entusiasmo, por exemplo, na Copa do Qatar, era imenso nos três). Dada essa paixão, não é de surpreender que a linguagem do futebol tenha ocupado incomparável espaço no falar comum nacional, mesmo para aqueles poucos que não se interessam por esse jogo.

Nesta pesquisa vamos examinar algumas das inúmeras expressões da linguagem do futebol⁴ (que frequentemente passam para a linguagem comum geral) e

4. Para esse propósito, analisamos (entre outras fontes) os verbetes relativos ao futebol extraídos da pesquisa – geral e muito mais ampla do que sobre o futebol – do Prof. Dr. Jean Lauand, que em 15 artigos investigou o sentido e a datação de expressões populares brasileiras, indicados nas Referências Bibliográficas (em LAUAND – VERBETES), procedentes de revistas publicadas pelo Cemoroc-Feusp: ISLE (abreviatura da revista “International Studies on Law & Education”); RIH (“Revista Internacional d’Humanitats”), CNVT (revista “Convenit Internacional”) e Scripta (capítulo no livro “Scripta Varia II”).

sua transparência (etimológica) para os falantes, e vamos compará-las com as metáforas e locuções que vieram de outros esportes e jogos, lançando uma hipótese para compreender o fato de essas últimas terem – nesses poucos casos – superado o futebol na conquista de um lugar na linguagem comum vigente hoje.

2. A força das metáforas (e a compreensão de seu significado original)

A apaixonante dinâmica do futebol (“futebol é uma caixinha de surpresas”) e a força de suas imagens estão na base de suas metáforas (nem sempre transparentes para quem fala). É muito mais forte dizer “Você pisou na bola” do que “Você cometeu um erro”. “Pisar na bola”, além do mais, deixa implícito que se trata de erro feio: a bola está aí para ser chutada e não para causar ridículo tropeço! Do mesmo modo, a expressão “embolar o meio de campo”, surgida no futebol em 1964 e utilizada em outras áreas a partir de 1975 (LAUAND, CNVT 39b), expressa mais plasticamente do que o dicionário: “Criar confusão ou enredar-se nela, complicar ou complicar-se” (Dic. Aulete <https://www.aulete.com.br/meio>. Acesso em 02-01-2023). Foi o que se viu durante a pandemia de covid-19 nas denúncias (de “embolar o meio de campo”) contra medidas “técnicas” do Ministério da Saúde para adiar vacinas ou promover cloroquina (cf. p. ex. “Nota da Saúde serve “para embolar o meio de campo”, <https://oantonista.uol.com.br/brasil/nota-da-saude-serve-para-embolar-o-meio-de-campo-diz-coordenador-da-conitec/>. Acesso em 02-01-2023).

Sem maiores pretensões de rigor científico, mas só como uma sondagem muito informal, aplicamos aos colegas de 1º ano do Ensino Médio – no final do ano letivo de 2022 – um questionário para avaliar se sabiam o porquê (etimológico) do uso de expressões do futebol. Nessa enquete, perguntava-se se conheciam o porquê da seguinte seleção de expressões futebolísticas: “frango”, “deu zebra”, “partida”, “torcedor” e “lanterna”.

Quase todos responderam negativamente: não tinham transparência no uso dessas palavras. Somente dois dos entrevistados se arriscaram em tentar explicar (erroneamente) “frango”, “partida” e “torcedor”. O que não nos surpreendeu, pois sabemos que a linguagem (sobretudo a linguagem figurada) costuma ser opaca para os falantes. Por exemplo, falamos em “salada de frutas” sem lembrar que salada, etimologicamente, deriva de sal... Falamos em “sentar no colo” sem reparar que colo não é a coxa, mas o pescoço: daí torcicolo, tiracolo, colar, coleira, colarinho etc. (Cf. LAUAND 2004).

Não é o caso aqui de nos estendermos nesses verbetes, que podem ser consultados em LAUAND:

“Frango” (CNVT 40) – com a genial metáfora da dificuldade de apanhar a ave...



https://www.youtube.com/watch?v=xrzig_mEkvjM. Acesso em 28-01-23

“Deu zebra” (RIH 37) – expressa o impossível (a zebra não integra o jogo do bicho).

“Partida de futebol” (ISLE 43) – uma surpreendente dívida dos esportes contemporâneos para com o xadrez medieval, para o qual se criou originalmente a palavra partida.

“Torcedor” (RIH 36) – outro verbete que merece ser lido na íntegra. Aqui só lembramos que é de “torcer” que procedem as palavras “tortura” e “contorcer-se”.

Naturalmente, a pouca transparência pode estar ligada à antiguidade das locuções. Por exemplo, hoje em dia os “cartolas” do futebol não usam mais cartolas e os tribunais de justiça desportiva não se destacam por “tapetão”. E os jovens vão utilizando suas próprias gírias, como “pipocar” (ficar com medo e hesitar numa jogada) ou “moscar” (vacilar, estar por fora: “A defesa brasileira moscou no finalzinho do jogo contra a Croácia”).

3. Metáforas do futebol x metáforas de outros jogos e esportes

Curiosamente, ao lado das inúmeras locuções futebolísticas, passaram para a linguagem comum algumas expressões originárias de outros jogos, que talvez tiveram muito mais popularidade há algumas décadas e que hoje não são tão praticados.

É o caso do boxe, do qual vieram, por exemplo:

golpe baixo; nocaute; jogo de cintura; jogar a toalha; ganhar por pontos; salvo pelo gongo; baixar a guarda etc.

Do bilhar (sinuca) vieram:

estar numa sinuca; sinuca de bico; cantar a bola; estar na boca da caçapa, bola da vez etc.

Do turfe procedem:

correr por fora; cavalo de chegada; azarão; barbada; não é páreo para fulano etc.

Dos jogos de cartas:

quem dá as cartas; carta fora do baralho; carta na manga; descartar (uma possibilidade) etc.

O intrigante fato da persistência de expressões de esportes e jogos outros (alguns atualmente quase ignorados pelo gosto popular) deve-se à tendência de usar a expressão autonomamente (desligada de sua origem etimológica). E é por essa permanência residual que continuamos medindo potência em cavalos (!!): “A moto mais rápida do mundo, a Kawasaki Ninja H2R, conta com 326 cavalos de potência”; e ainda falamos em “andar da carruagem” (as carruagens desapareceram da vida urbana há mais de um século) etc. Muitas metáforas do futebol também são antigas, como “ficar ensebando” (enrolar, atrasar), frequente no tempo em que, antes do jogo, aplicava-se sebo na bola de capotão.

Mas este é o momento de lançarmos uma desprezível conjectura (insinuada pela Profa. Chie): talvez a permanência de metáforas de outros jogos se deva – ao menos em alguns casos – à falta de um equivalente futebolístico.

Assim, por exemplo, já que no futebol não há um lance único, fatal, que termine a partida, recorremos a esportes ou jogos alternativos:

No debate da Globo, a candidata Soraia levou o Pe. Kelson a **nocaute** quando o chamou de “padre de festa junina”. Claro que poderia ser também **xeque-mate** ou **ippon** (do judô).

O debate foi equilibrado, os dois candidatos tiveram altos e baixos, mas o Lula **ganhou por pontos** (não por nocaute).

Uma encrenca cabeluda é melhor expressa por metáforas do bilhar. Os fariseus pensavam ter posto Jesus em uma **sinuca de bico**, perguntando-lhe se era lícito pagar o tributo a César [se Ele disser que sim, fica mal com o povo; se Ele disser que não, cometerá um crime contra o dominador romano]. Para avaliar a resposta de Cristo, uma metáfora dos jogos de cartas. Aqueles fariseus não contavam com que Jesus tinha uma **carta na manga**: – Mostrem a moeda do tributo. De quem é a efígie?... Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

E assim com tantas outras locuções extra-futebol:

O goleiro argentino Emiliano Martínez abusou dos **golpes baixos** (boxe) em contínuas provocações aos franceses na final da Copa do Qatar.

No debate, o Pe. Kelson estava lá para **levantar a bola** (vôlei) para o Bolsonaro **cortar**.

A crise internacional e a alta do dólar vão **pôr em xeque** (xadrez) o novo ministro da Fazenda.

O Lula tem tanto **jogo de cintura** (boxe) ou **ginga** (capoeira) que conseguiu aprovar, enfrentando **pesos pesados** (boxe), muitas medidas importantes antes mesmo de tomar posse.

Não adianta a Polícia Federal denunciar; é a Procuradoria Geral da República **que dá as cartas**.

Mais uma vez o Márcio França perdeu a eleição por pouco: ele não é **cavalo de chegada**.

Não é que Lula não tenha se decidido; ele está **escondendo o jogo** (baralho).

No final do jogo contra a Croácia, o Brasil **baixou a guarda** (boxe) e foi desclassificado.

Eleição, afinal, é corrida eleitoral – daí as metáforas do turfe e da Fórmula 1:

Embora Rogério Carvalho tivesse largado folgado na **pole position** (F1) no primeiro turno, acabou **ultrapassado** por Fábio Mitidieri (o terceiro no **grid de largada** do primeiro turno), eleito governador de Sergipe.

Escolher Alckmin para vice foi uma incrível **cesta de 3 pontos** (basquete) que Lula fez.

Tite, após o fracasso no Qatar, perdeu o prestígio. Por algum tempo, ele será no Brasil **carta fora do baralho**.

Os filhos não se sentiam sufocados: é que os pais cuidavam deles **marcando por zona** (basquete e futebol de salão), e não homem a homem.

O governo deveria engavetar esse projeto polêmico: acabou de ser eleito e numa dessas pode **queimar a largada** (atletismo).

Após outras instâncias, o caso chegou ao Supremo que proferiu a condenação e o acusado perdeu a **última vida: game over** (videogame).

4. Considerações finais

Ao final deste Relato, começamos por avaliar o crescimento acadêmico que nos foi proporcionado por esta pesquisa. Foram muitas horas de leitura e contato com textos (até filosóficos) que nos foram propostos. Percorremos análises de muitas locuções do futebol e de outros jogos, levantando questões que antes nem suspeitávamos de sua relevância. Particularmente importante, nesse sentido, foi seguir o rastreamento do sentido e da datação de expressões nos verbetes apresentados nos 15 artigos do Prof. Lauand, com os quais aprendemos também a olhar criticamente para falsas interpretações, frequentes no campo da fraseologia.

Ao apresentarmos a lei da interação dialética entre linguagem viva e interesse da sociedade, ficou clara a razão da absoluta supremacia da linguagem do futebol nas expressões que o brasileiro usa em seu cotidiano. Um fator preocupante é o da ausência de outros referenciais comuns a todos os brasileiros: ao contrário dos árabes, não temos um livro sagrado (o *Alcorão*) realmente estudado por todos os falantes de nossa língua; não dispomos de clássicos da literatura que todo mundo tenha lido na escola (mesmo com a decadência do ensino em todo o mundo, o jovem estudante europeu ainda sabe o básico do legado literário dos gregos e latinos); nossa própria história nos é, em grande medida, desconhecida.

Pareceu-nos também que essa linguagem do futebol, apesar de muito difundida, nem sempre é vista com transparência pelos falantes.

Finalmente, pudemos lançar para o debate (e eventuais futuras pesquisas) a conjectura de que as metáforas de outros esportes têm maior probabilidade de uso quando não encontram equivalente no futebol (naturalmente, em vez de “cesta de três pontos”, poderíamos falar em “golaço”, mas no futebol qualquer gol vale o mesmo).



<https://www.brasil247.com/charges/pele>

Referências bibliográficas

LAUAND, J. A Arte de Decidir: a Virtude da Prudentia em Tomás de Aquino. *Videtur*, n.15, São Paulo, Feusp, 2002. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur15/jean.htm>. Acesso em 02-01-2023.

LAUAND, J. Algumas Etimologias de Isidoro de Sevilha. **Videtur**, n.25, São Paulo, Feusp, 2004. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur25/jeanl.htm>. Acesso em 02-01-2023.

LAUAND - VERBETES

ISLE 43 – “Registros para um Dicionário de Expressões” jan-abr 2023 p. 1-12 <http://www.hottopos.com/isle43/Jean.pdf>

CNVT 39a – “Pequeno dicionário de expressões brasileiras: A-D” mai-ago 2022 p. 1-34 <http://www.hottopos.com/convenit39/JeanDic1.pdf>

CNVT 39b – “Pequeno dicionário de expressões brasileiras: E-V” mai-ago 2022 p. 1-42 <http://www.hottopos.com/convenit39/JeanDic2.pdf>

RIH 56 – “O verdadeiro significado do enigmático ‘Pirulito que bate, bate’ e outras incursões ‘arqueológicas’ na imprensa brasileira” set-dez 2022 p. 1-14 <http://www.hottopos.com/rih56/JeanPirolito.pdf>

ISLE 41 – “Vinte e tantos verbetes para um Dicionário de Expressões” mai-ago 2022 p. 1-14 <http://www.hottopos.com/isle41/JeanVerbt.pdf>

CNVT 40 “Alguns registros para um Dicionário de Expressões” set-dez 2022 p. 1-16 <http://www.hottopos.com/convenit40/Jean.pdf>

RIH 52 “Origem e significado de algumas expressões brasileiras” mai-ago 2021 p. 29-38 <http://www.hottopos.com/rih52/29-38JL.pdf>

ISLE 24 “Transformações da linguagem: a gíria ‘curtir’ e as conjunções adversativas” set-dez 2016 p. 109-116 <http://www.hottopos.com/isle24/109-116Jean.pdf>

RIH 36 “Reavaliando a fraseologia I – a origem das expressões: ‘torcedor’, ‘bater papo’ e ‘será o Benedito?’” jan-abr 2016 p. 5-14 <http://www.hottopos.com/rih36/05-14Jean.pdf>

RIH 37 “Reavaliando a fraseologia II – datações e conjecturas” mai-ago 2016 p. 5-14 <http://www.hottopos.com/rih37/15-30Jean.pdf>

CNVT 22 “Reavaliando a fraseologia III – viajando em conjecturas” p. 5-12 <http://www.hottopos.com/convenit22/05-12Jean.pdf>

ISLE 36a “Minidicionário de Gírias e Expressões Brasileiras – datação, comentários e críticas a falsas interpretações de seu sentido original” set-dez 2020 p. 1-86 <http://www.hottopos.com/isle36/jeandic.pdf>

CNVT 34 “‘Será o Benedito?’, ‘Conto do Vigário’ etc. – Desmascarando falsas explicações sobre a origem de expressões populares” set-dez 2020 p. 1-22 <http://www.hottopos.com/convenit34/JeanFraseologia.pdf>

ISLE 36b “A dinâmica da língua e suas tendências de evolução” (em coautoria com Sílvia Colello) set-dez 2020 p. 1-16 <http://www.hottopos.com/isle36/SilviaJean.pdf>

Scripta II “Alguns verbetes para um dicionário (datado) de expressões” Livro 2022 p. 31-44

MARÍAS, J. Entrevista. **Videtur**, n.8, São Paulo, Feusp, 1999. Disponível em <http://www.hottopos.com/videtur8/entrevista.htm>. Acesso em 02-01-2023.

Recebido para publicação em 12-03-23; aceito em 26-04-23